

Coletivo de mães universitárias brasileiras: unidas pelo direito de cuidar dos filhos e estudar

Por Silvana Maria Bitencourt*

Links

Perfil de Facebook Coletivo MãEstudante/UFSC: <https://www.facebook.com/ColetivoMaestudantesUFSC/>.

Introdução

A educação formal que, historicamente, foi negada às mulheres é o meio fundamental para estas conquistarem qualificação profissional, trabalho remunerado, independência financeira e terem oportunidade de explorar seus potenciais criativos, portanto, é a forma direta de elas participarem e oferecerem suas contribuições ao campo científico (Bourdieu, 2004).

Contudo, a maternidade ainda tem deixado muitas mulheres fora deste campo, pois cuidar implica tempo, dedicação e responsabilidade, sendo que grande parte do cuidado nas famílias ainda tem sido delegada às mulheres, o que tem feito muitas delas adoecerem fisicamente e emocionalmente, nutrindo sentimento de culpa e medo sobre como dividir esta dedicação entre cuidar dos estudos e cuidar dos filhos.

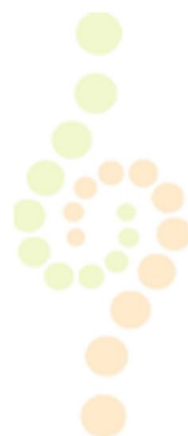
Desse modo, quando a percepção sobre a maternidade emerge em um espaço altamente produtivista e masculino, como é o caso das universidades, estudantes mães ainda podem ser alvo de muita indiferença, violência simbólica, preconceitos e exclusões.

No entanto, a presença delas neste espaço também pode causar conflitos e desconfortos que desestabilizam e questionam por meio de práticas movidas pelo amor filial que reivindica o direito de cuidar, transformando o amor em potência de um esperar que não aceita a resignação, e desiste do cuidado de si e do outro.

Nesse sentido, Scribano (2017), que desenvolveu uma reflexão sociológica sobre práticas intersticiais em coletivos na Argentina, destacou como é necessário um mapeamento destas ações em pleno século XXI, considerando que as ações coletivas mobilizam corpos e emoções. Sendo que esta mobilização tende a denunciar um Estado omissivo e incapaz de elaborar uma percepção sobre a condição de vida de diversas pessoas que se identificam e se unem por emoções que dialogam entre si, sendo capazes de gerar rupturas e mudanças cotidianas na forma de vivenciar a estrutura.

Estes/as agentes, muitas vezes, movidos/as pela dor, pela exclusão social, pelas perdas, pela escassez de recursos materiais e emocionais, declaram que não foram vencidos. Assim, eles/as movem suas energias coletivamente, mostrando que o amor e o cuidado acionam outras sensibilidades. Desse modo, apresentamos aqui um movimento de

* Departamento de Sociologia e Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail de contato: silvanasocipufmt@gmail.com



estudantes mães que, nos últimos anos, no Brasil, têm publicizado e reivindicado novas formas de cuidado no espaço acadêmico.

Coletivos de mães universitárias brasileiras

Nos últimos anos, no Brasil, diversos coletivos de mães têm se formado no interior das universidades a fim de questionar a estrutura da mesma e chamar atenção para o fato de que a maternidade não pode ser tratada como uma responsabilidade somente das mulheres, uma vez que as exclusões históricas que limitaram as mulheres a participarem do processo criativo de construção do conhecimento científico devem ser revisadas, refletidas e reconstruídas a partir de políticas públicas, a fim de reparar estas desigualdades de gênero presentes ainda na academia. Nesse sentido, estes coletivos de mães lutam por uma estrutura mais acolhedora e inclusiva no campo universitário para mães estudantes.

Considerando que a questão da maternidade tem pesado especialmente para estudantes de Graduação e Pós-Graduação, pois muitas ainda não possuem um emprego fixo que possa garantir independência financeira e seguridade social, analisamos que a maternidade exige, além de recursos emocionais, recursos materiais (Bitencourt, 2020). Diante destas especificidades das graduandas, seus filhos e filhas começam a fazer parte da cena universitária, portanto, o amor materno se apresenta como um potencial transformador para estas mulheres compartilharem experiências e reivindicarem uma política de sensibilidade que possa incluir, em seus cotidianos e, conseqüentemente, em suas trajetórias acadêmicas, a existência dos seus filhos e filhas, agora sem medo e sem vergonha, não precisando esconder¹ a existência deles/as para seus orientadores/as, professores/as e colegas etc.

Coletivo MãEstudante/UF

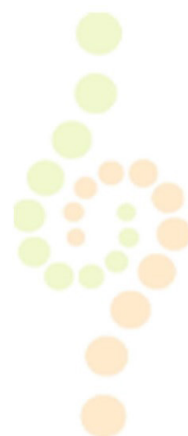
No contexto universitário, diversos coletivos de mães têm se mobilizado para reivindicar políticas de permanência para estudantes em nível de Graduação, assim como também estes coletivos têm servido como redes de afetos, dando suporte emocional para mulheres que se reconhecem nesta situação de ser mãe e estudante.

De acordo com Silva e Salvador (2021), o mapeamento nacional destes coletivos no Brasil soma 25 coletivos, dois colocam-se como nacionais, e os demais estão distribuídos em quatro regiões do país: Nordeste (02), Centro-Oeste (03), Sul (03) e Sudeste (15), não tendo nenhum na região Norte², mas este número não é preciso, já que cada vez mais coletivos têm se constituído neste movimento de direito de cuidar e estudar no Brasil.

Destes coletivos, escolheremos o MãEstudante/UFSC, por tratar de um coletivo que se nomeia como “*anticapitalista, independente e pioneiro na construção da política*”

1 Conforme pesquisa, Bitencourt (2013) e Oliveira (2023) comprovaram que mulheres escondiam a gravidez para não serem discriminadas em bancas de concursos públicos para professores de magistério superior, assim como uma aluna de Graduação do ensino noturno no Nordeste brasileiro já foi ameaçada por professor, que iria denunciar a estudante ao conselho tutelar por levar o filho para a sala de aula, pois ele atrapalhava sua aula, contudo, as mães levam os filhos para universidade, pois não têm com quem deixá-los. Para mais informações, ver: Zauli, F; Jácome, I; Barbosa, R. *Professor proíbe aluna de assistir aula acompanhada da filha de 5 anos na UFRN*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/professor-proibe-aluna-de-assistir-aula-acompanhada-da-filha-de-5-anos-na-ufrn.ghtml>>. Acesso em: 14. out. 2023.

2 Para mais informações ver: Silva y Salvador (2021).



de permanência das mães na universidade”, criado em 2017 através de cinco estudantes mães que não se sentiam incluídas no movimento estudantil da universidade, tendo como objetivo reivindicar políticas de permanência para estudantes mães. Conforme o *post* da página do coletivo no *Facebook* expõe no dia 27 de setembro de 2023:

PELO DIREITO DE ESTUDAR! A MATERNIDADE NÃO DEVE SER UM OBSTÁCULO!

A maternidade impacta a vida acadêmica das estudantes, já que os cuidados com os filhos ainda recaem sobre as mães, sobrecarregando em sua maioria as mulheres! Por isso lutamos por uma política de permanência para as estudantes mães da UFSC!

(Estão presentes nessa minuta ainda em discussão: auxílio-maternidade em substituição ao auxílio creche; acompanhamento psicopedagógico no primeiro semestre após o retorno da licença maternidade e concessão de um prazo adicional de um semestre, além daquele estipulado pelo colegiado do curso no qual a estudante encontra-se matriculada, para integralização curricular. Priorizando as mães estudantes que são consideradas mães solo, ou seja, não possuem rede de apoio disponível.). (Coletivo MãEstudantes/UFSC; 27 de setembro de 2023)

Além disso, o coletivo MãEstudante/UFSC reivindica, em suas propostas, o uso do restaurante universitário para mães com seus filhos, fraldários nos banheiros masculinos e femininos, sala de família para amamentação e alimentação das crianças em todos os centros de ensino da UFSC, direito de amamentar na sala de aula e em outros espaços da universidade sem sofrer assédio e espaço para a convivência das crianças enquanto as mães estão na aula. Além do direito a cuidar do filho em casa em situações em adoecimento dele sem prejudicar seus estudos, para que possam escolher os locais de estágio supervisionados, tenha direito de licença-maternidade, especialmente bolsistas de assistência estudantil, para que não tranquem o curso, sem perder o vínculo com a universidade.

Considerando que a página apresenta informações sobre a situação das mães graduandas na universidade diretamente movidas pela premissa da permanência, ou seja, continuar estudando, não sendo a maternidade um empecilho, mas uma realidade que deve ser cuidada por todos, o objetivo que permeia suas reivindicações é que a universidade possibilite uma estrutura que reconheça a existência de seus filhos e filhas, podendo cuidar deles sem prejudicar ou abdicar dos estudos.

Na página do *Facebook* (Coletivo MãEstudantes/UFSC; 27 de setembro de 2023) do coletivo, podemos constatar que são 1,1 mil seguidoras, e a página se coloca como organização política, mas não há pedidos de recursos, como vakinhas virtuais, pedido de doações para bolsas de estudantes etc. O diálogo é feito com a reitoria da universidade, pedindo mudanças na estrutura da mesma e políticas acadêmicas de permanência. Também podemos constatar fotos de mãe do coletivo em encontros com cartazes que dizem: “sou mãe e quero estudar”, “por políticas de permanência para mães”, “cientistas também são mães”.

Também neste coletivo não há, entre suas membras, uma que se destaca mais entre elas, afirmando a não hierarquias entre as estudantes, já que todas devem se sentirem iguais, pois compartilham da mesma situação e querem estudar e cuidar dos filhos. No entanto, as crianças não aparecem no *Facebook*, o que também pode ser visto como uma preservação de suas crianças, a fim de não expor os pequenos nas redes sociais e nem usar seus corpos para sensibilizar seus seguidores.



Considerações Finais

Partindo do exposto, podemos verificar que estas ações são os interstícios que os coletivos de mães têm causado na estrutura acadêmica, a grande maioria das mães que fazem parte da cena acadêmica é estudante, muitas sem emprego, mães solas, negras, indígenas, sendo que a permanência seria o principal meio de garantir a conquista do capital cultural institucionalizado (Bourdieu, 2004) para começar a fazer parte do campo.

Referências

Bitencourt, S. M. (2013) *Maternidade e carreira: reflexões de acadêmicas na fase de doutorado*. Jundiá: Paco.

_____ (2020). A maternidade para um cuidado de si: Desafios para a construção da equidade de gênero. *Estudos de Sociologia, Araraquara*, V. 24, Nº47, p.451-468.

Bourdieu, P. (2004) *Os Usos Sociais Da Ciência. Por Uma Sociologia Clínica Do Campo Científico*. São Paulo: UNESP.

Coletivo MãEstudantes/UFSC. (27 de setembro de 2023) PELO DIREITO DE ESTUDAR! A MATERNIDADE NÃO DEVE SER UM OBSTÁCULO! . Facebook. <https://www.facebook.com/ColetivoMaestudantesUFSC/>

Oliveira, T. V. (2023). Maternidade e carreira acadêmica: Estratégias, desafios e moralidades. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense.

Scribano, A. (2017). Amor y accion colectiva: una mirada desde las prácticas interseccionales em Argentina. *Aposta. Revista de Ciencias Sociales*. Nº 74, p.241-280.

Silva, J.M; Salvador, A. C. (2021). Coletivos de mães universitárias rompendo com a história da exclusão feminina nas universidades. ANPUH- Brasil. 31º Simpósio Nacional de História, Rio de Janeiro-RJ. Disponível em:< https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628176107_ARQUIVO_6c5ff0b3c39fb6a13b440aa157afdc9d.pdf>. Acesso 14. out.2023.

Zauli, F; Jácome, I; Barbosa, R. Professor proíbe aluna de assistir aula acompanhada da filha de 5 anos na UFRN. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/professor-proibe-aluna-de-assistir-aula-acompanhada-da-filha-de-5-anos-na-ufrn.ghtml>>. Acesso em: 14. out. 2023.

